

# Quão Religiosos Devemos Ser? E Como Ser Religiosos?

RICHARD RICE

“**E**xplosão de Matrículas em Colégios Cristãos” foi a manchete que apareceu na revista *The Chronicle of Higher Education* muitos anos atrás.<sup>1</sup> De 1990 a 1996, o artigo continuou dizendo, as matrículas universitárias aumentaram cinco por cento nas instituições particulares e quatro por cento nas públicas, porém 24 por cento em 90 instituições evangélicas dos Estados Unidos. As matrículas em algumas escolas quase que dobraram durante esses anos. No colégio Indiana Wesleyan, o número de universitários aumentou de 889 para 1.628 alunos. Em 1993, as matrículas na California Baptist University em Riverside, Califórnia totalizaram 829 alunos; em 2006 - 2007 atingiram 3.400.

Os números indicam extraordinário aumento de interesse na educação cristã. Mais e mais jovens evidentemente querem passar seus anos de faculdade em instituições onde o ensino é baseado em princípios cristãos e a vida estudantil reflete valores bíblicos. E muitos estão se matriculando em instituições adventistas. Em Loma Linda University, onde sou professor, mais ou menos a metade dos alunos não são adventistas, embora a propor-



ção varie de faculdade para faculdade.

Apesar de ter aumentado o interesse na procura da educação universitária em ambiente religioso, nem sempre tem ficado claro o que esse ambiente deve ser. A crescente diversidade na orientação religiosa dos alunos nos *campi* adventistas levanta questões que demandam cuidadosa atenção. Quer vejamos esse desenvolvimento como desafio ou oportunidade, é preciso reconsiderar a função da religião nos colégios e universidades adventistas. Quão importante é a religião para nossa identidade como instituições de ensino superior? E que função a religião deve exercer na vida universitária? Em outras palavras, quão religiosos devemos ser? E como ser religiosos?

### Quão religiosos devemos ser?

A religião pode ser integrada à vida da faculdade ou universidade de muitas diferentes maneiras. O propósito de certas instituições é a doutrinação. Elas existem para promulgar uma visão religiosa específica. Na yeshiva judaica, no seminário católico romano, ou no colégio bíblico fundamentalista, a religião não é apenas fundamental para o currículo, em muitos aspectos ela *é* o currículo. O propósito da instituição é estudar e preservar uma tradição específica. Professores e alunos abraçam uma visão religiosa comum. Os alunos buscam alvos vocacionais semelhantes.

A religião também tem sua função em muitas instituições seculares. Nas últimas décadas, o estudo da religião atingiu maturidade como disciplina acadêmica. Faculdades comunitárias, universidades estaduais e particulares não apenas oferecem aulas de religião, mas muitas oferecem especialização e graduação em estudos religiosos.

As instituições públicas abordam, de maneira sábia, a questão da religião. Ela é vista como importante aspecto da cultura humana, mas a instituição em si não toma posição quanto à mesma. Nenhuma delas aceita que o corpo docente ou alunos compartilhem algo com respeito às suas convicções religiosas, muito menos falar sobre uma vocação religiosa comum. Existem organizações religiosas em muitos *campi* seculares, mas são associações voluntárias sem conexão oficial com a instituição.

Muitas instituições se posicionam entre esses extremos, inclusive algumas

universidades de prestígio – Harvard, Yale e Princeton – todas começaram como escolas de treinamento para ministros, e atualmente têm faculdades de teologia. Mas ninguém mais as vê como instituições religiosas.

Outras instituições enfatizam sua identidade religiosa enquanto se empenham em buscar amplitude intelectual e excelência acadêmica. Elas dão à religião um papel importante tanto no currículo como na vida estudantil. Tipicamente atraem alunos comprometidos com a religião. Wheaton College, Westmont College, e Azusa Pacific University, por exemplo, são conhecidos pelas convicções evangélicas de seus professores e alunos. Outras instituições ainda têm íntima associação com a religião, embora seus alunos não compartilhem uma perspectiva religiosa específica. Em instituições como Notre Dame University existe considerável diversidade entre os alunos (e corpo docente) em suas atitudes com respeito à religião.

**S**erá que alguns desses perfis se ajustam às faculdades e universidades adventistas de hoje? A situação varia de um campus para outro, mas em geral a resposta é Não. Por muitos anos, a meta era claramente a doutrinação. Quando eu frequentei o La Sierra College na década de 1960, alunos não-adventistas eram raros. O campus provia ambiente protetor, com muitos cultos religiosos requeridos e muitas restrições sociais. Muitos de nós planejávamos seguir carreiras no ministério. E todos pareciam concordar que a devoção religiosa naturalmente levaria

a pessoa à participação ativa na igreja adventista.

Nenhum desses fatores se aplica à presente situação. Como citei acima, está aumentando o número de alunos não-adventistas em nossos *campi*. Já não monitoramos mais de perto o comportamento de nossos alunos; afinal, legalmente eles são adultos. E cada vez menos formandos buscam empregos dentro da organização. Além disso, os alunos de hoje que escolhem ser religio-



sos – agora é escolha, não expectativa – expressam seu compromisso de vários modos, não necessariamente frequentando os cultos adventistas tradicionais. Seja qual for o futuro da religião nos colégios adventistas, uma coisa é certa – será diferente do passado.

Daqui, para onde devemos ir? Alguns dizem que é tempo de modificarmos nossa identidade religiosa e nos dedicarmos a criar as melhores instituições educacionais particulares possíveis. Poderíamos ter bons colégios e universidades, eles argumentam, sem nos esforçar para manter orientação religiosa distinta. Já que não somos mais primariamente instituição de treinamento para obreiros denominacionais ou refúgio da sociedade ao redor – geográfica, intelectual ou socialmente – e sendo que nossos alunos não são mais exclusivamente membros da igreja, é tempo de deixarmos nossas características religiosas para trás e nos situarmos no cenário acadêmico.

Seguir essa proposta nos colocaria em boa companhia. Esta é a rota tomada por muitos bons centros de ensino. Portanto, a questão não é se este é modelo que atrai alunos; obviamente, é. A questão é se esse é o melhor modelo para nós na educação adventista.

Considerando os distintos recursos e desafios do presente, deveríamos

## Que função a religião deve exercer na vida universitária?

respeitosamente deixar nossa identidade religiosa no passado e seguirmos outra direção? A resposta, eu acredito, é Não. Perderíamos muito se buscássemos nos tornar instituições pequenas e bem administradas sem forte identidade religiosa.

Existem também razões práticas para preservar nossa identidade. Ao enfrentarmos o desafio de mercado em crescente competitividade, precisamos permanecer responsivos aos nossos clientes naturais. A despeito da crescente diversidade religiosa dos nossos alunos, a maioria deles ainda vem de famílias adventistas. Nossos clientes estão preocupados, e com razão, quanto ao ambiente religioso de seus filhos. A maioria dos pais quer que o ensino superior seja experiência positiva para seus filhos tanto acadêmica como religiosamente. Precisamos continuar atraindo jovens adventistas.

**D**e modo geral, a identidade religiosa sólida também tornará nossos *campi* atrativos para os jovens. Atualmente, existe crescente apreciação na sociedade por

valores espirituais e morais. Educadores e figuras públicas estão pedindo mais ênfase em assuntos éticos e religiosos nas escolas e universidades norte-americanas.<sup>2</sup> Muitos querem que o ensino de valores pessoais tenha um lugar central na educação. Podemos fazer isso de modo mais eficaz em instituições com identidade religiosa sólida. Seria irônico enfraquecer nosso perfil religioso quando esse é o principal fator que poderia aumentar nossa atratividade para possíveis alunos.

A mais importante razão para afirmar identidade religiosa sólida é o propósito essencial da educação superior. Enquanto faculdades e universidades buscam estimular o desenvolvimento intelectual e prover preparo profissional, isto é apenas parte de sua tarefa. A meta fundamental do ensino superior é ajudar os alunos a se tornarem seres humanos equilibrados e completamente amadurecidos. Como Sharon Parks descreve, isso consiste em ajudá-los no difícil caminho para a fé adulta que ela chama de “fazer sentido”.<sup>3</sup>

Contrário à crença popular, jovens não chegam ao campus de colégio ou universidade com um sistema de valores pessoais e convicções religiosas bem formado. Os anos da juventude são um período de intensa flutuação e transição. Nessa época as pessoas fazem os compromissos que os guiam pela vida. E durante este período crítico, professores universitários desempenham papel muito significativo.<sup>4</sup>

As pessoas frequentemente falam do empreendimento educacional de colégios e universidades associados a igrejas como versão religiosa do que é essencialmente tarefa secular. Mas se Parks estiver correta, o contrário também é verdade. Instituições não religiosas provêm uma versão secularizada do que realmente é tarefa religiosa – ajudando alunos a buscarem sentido em sua vida. Podemos buscar esse objetivo mais eficazmente em um ambiente no qual valores religiosos são implicitamente afirmados e explicitamente reconhecidos.

Então, quão religiosos devem ser os colégios e as universidades adventistas? A resposta é “muito religiosos”. Nossa identidade religiosa deve ser fator





Alunos da Andrews University testemunhando através de representação sobre Jesus.

em cada aspecto dos nossos planos e atividades.

### Como devemos ser religiosos?

Uma coisa é buscar forte identidade religiosa em nossas instituições e outra é defini-la com precisão. Como exatamente devemos ser religiosos? Se for indesejável nos afastarmos de nossa identidade religiosa histórica, mas impossível perpetuar as formas e estilos religiosos de décadas passadas, como ficamos?

A função ideal da religião em nosso futuro difere de ambas as alternativas já mencionadas. Isso não consiste em buscar a doutrinação de nossos alunos nem em fazer da religião um objeto de mero interesse escolar. Devido ao aumento da diversidade religiosa dos nossos alunos, a doutrinação já não é opção. Eles agora vêm de uma grande variedade de experiências religiosas. Muitos não são membros da igreja adventista; e grande número segue outras tradições não cristãs.

Igualmente importante, existe em nossos alunos grande variedade de atitudes com respeito à religião, particularmente a religião organizada. Anos atrás, certa conexão com a igreja era algo presente na vida de quase todos. Alunos profundamente religiosos estavam intimamente conectados à igreja. Os não tão religiosos ainda se viam como parte da igreja. Atualmente,

o comprometimento religioso não está necessariamente relacionado à lealdade denominacional. Enquanto muitos alunos são ativos na religião tradicional organizada, outros interessados em religião não o são. Nossa abordagem à religião deve levar em conta também este tipo de diversidade.

**A**o mesmo tempo, a religião nos *campi* adventistas deve ser mais que um objeto de exame escolar. Queremos que os alunos vejam a religião como parte importante da vida pessoal, não apenas como parte da vida humana em geral. E isso exige mais que investigação superficial. Creio que o melhor modo de descrevê-la seja “recomendando uma perspectiva religiosa”. Apesar de não assumirmos ou esperarmos de nossos alunos uma atitude evidente com respeito à religião, também não tratamos valores religiosos e crenças como questões puramente de preferência pessoal. Em lugar disto,

encorajamos os alunos a pensar cuidadosamente sobre suas convicções religiosas, e provemos uma estrutura de valores e compromissos para considerarem. Esta proposta exige muitas medidas concretas.

Em primeiro lugar, isso afetará o modo como ensinamos religião. Para recomendar uma perspectiva religiosa exigiremos que os alunos assistam aulas de religião em várias áreas diferentes, e exploraremos nossas tradições religiosas “interiores” assim como as “exteriores”. Em outras palavras, ensinaremos como representantes de comunidade religiosa, não meramente como historiadores, literários escolares, sociólogos, antropólogos ou filósofos. Isto não significa que evitamos considerar a religião como fenômeno que merece atenta investigação, ou que inquestionavelmente recitemos fórmulas de doutrina tradicional. Pelo contrário, não somos avessos à rigorosa exploração de idéias, instituições e práticas religiosas. Mas o

**Os alunos de hoje que escolhem ser religiosos – agora é escolha, não expectativa – expressam seu compromisso de vários modos.**

objetivo é ajudar os alunos a refletirem cuidadosamente sobre as alegações do cristianismo.

Recomendar uma perspectiva religiosa significa relacionar as idéias e valores cristãos com as crenças e valores refletidos em todas as disciplinas que oferecemos. Isto envolve todo o corpo docente, não somente os professores de religião. Não significa que o corpo docente deva manter idêntica visão religiosa ou evitar levantar sérias questões com respeito a assuntos religiosos. Pede, no entanto, que os professores sejam sensíveis às necessidades religiosas dos alunos e em compartilhar suas próprias convicções com os alunos tanto dentro como fora da sala de aulas.

**P**ara recomendar uma perspectiva religiosa devemos observar também o lado público da religião. E isso tem implicações na vida estudantil. Os alunos precisam aprender

algo sobre a perspectiva que estamos recomendando em diferentes cenários além da sala de aulas. Universidades religiosas em todo o espectro – judeu, católico e protestante – esperam que seus alunos frequentem cultos religiosos. Faz parte da experiência educacional que tais instituições oferecem. Por essa razão, exigimos que alunos frequentem serviços religiosos nos *campi* adventistas. Para mostrar que levamos a sério este aspecto da religião, provaremos programas da mais alta qualidade, não importa o preço.<sup>5</sup> Além das várias atividades exigidas, os alunos devem também ter muitas oportunidades de expressar e explorar a religião em ambientes informais. Expressaremos também nosso compromisso com a ética cristã encorajando os alunos a participarem em serviços comunitários.

Recomendar uma perspectiva religiosa claramente requer que resistamos a desenvolvimentos que distanciem a

A crescente diversidade na orientação religiosa dos alunos nos *campi* adventistas levanta questões que demandam cuidadosa atenção.

Escola Sabatina na Avondale College (Cooranbong, New South Wales, Austrália).





religião da esfera particular e individual da vida dos nossos alunos. Devemos evitar a idéia de que trabalho acadêmico sério aborda a religião pelo lado de fora, nunca pelo lado de dentro da tradição religiosa, e que os instrutores devem refrear-se de expressar suas convicções religiosas pessoais no ambiente da sala de aulas. Devemos também evitar a tendência de enfatizar o emocional e menosprezar os aspectos intelectuais da religião, ou elevar a religião particular acima da pública. Ambas as abordagens se baseiam na suposição que a pesquisa acadêmica séria e religião formal têm pouco que a ver com a experiência religiosa pessoal. Mas a perspectiva religiosa é mais que preferência pessoal e experiência particular. Cristianismo e sua expressão adventista incluem compartilhar crenças, valores e experiências – em outras palavras, tradição e

comunidade. E nossos alunos também precisam apreciar esses aspectos da religião.

Finalmente, recomendar uma perspectiva religiosa significa relacionar crenças e valores cristãos com todas as disciplinas acadêmicas e com todos os interesses humanos. Uma das coisas mais importantes que podemos comunicar aos nossos alunos é a visão expansiva do conhecimento cristão. Eles precisam crer que o compromisso cristão os convoca a um empenho intelectual elevado. Precisam da convicção de que crenças e valores cristãos lhes dão base segura na busca de qualquer campo de investigação humana e na interação com mentes lúcidas onde quer que as encontrem.

Muitos anos atrás, minha filha assistiu a um dos seminários de verão na Notre Dame University patrocinados

pela Pew Foundation. Seu propósito era encorajar jovens religiosos a seguir carreira acadêmica de acordo com sua vocação cristã. Para ela foi inspirador estudar com excelentes eruditos de algumas das mais famosas universidades norte-americanas que não eram nem um pouco defensivos quanto às suas crenças cristãs. De fato, em vez de apresentarem desculpas pelo cristianismo, eles sentiam que o peso da prova repousava sobre os não-cristãos. Fiquei feliz que ela foi exposta a esta atitude, e espero que alunos em escolas adventistas encontrem em seus professores a mesma combinação de excelência acadêmica e convicção cristã.

No livro *The Scandal of the Evangelical Mind*<sup>6</sup>, Mark A. Noll desafia crentes a “pensarem como cristãos” em todas as áreas da vida. Isso significa “levar a sério a soberania de Deus sobre o mundo que Ele criou, o domínio de Cristo sobre o mundo pelo qual morreu para o redimir, e o poder do Espírito Santo sobre o mundo que Ele sustenta a cada momento”. Esse é o tipo de pensamento que devemos encorajar em nossos alunos.



**Dr. Richard Rice** é professor de religião na Loma Linda University, Loma Linda, Califórnia, EUA.

Este artigo foi adaptado do artigo “Religion and the Adventist University”, Spectrum 28:2 (Primavera 2000) e foi usado

com permissão.

#### NOTAS E REFERÊNCIAS

1. March 5, 1999, p. A42. Nestas considerações tenho em mente as instituições adventistas na América do Norte.
2. Entre recentes publicações que ilustram este ponto estão: *The Book of Virtues*, de William Bennett, ex-secretário de Educação dos Estados Unidos (New York: Simon and Schuster, 1993) e *The Culture of Disbelief*, de Stephen L. Carter (New York: Doubleday Anchor Books, 1994).
3. Sharon Dudley Parks, *The Critical Years: The Young Adult Search for a Faith to Live By* (San Francisco: HarperSanFrancisco, 1991).
4. O livro de Parks me convenceu de que se eu pudesse enviar meus filhos para escola adventista somente por quatro anos da vida deles, deveria ser para a universidade.
5. Devemos abandonar o oxímoro “culto obrigatório”. Se o culto é a livre resposta da alma a Deus, não pode, por definição, ser obrigatório.
6. (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1994).